



Gustavo Henrique Cepolini Ferreira
(Organizador)

Debates Geográficos **da Realidade Brasileira**

Atena
Editora
Ano 2020



Gustavo Henrique Cepolini Ferreira
(Organizador)

Debates Geográficos **da Realidade Brasileira**

Atena
Editora
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editores: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof^a Dr^a Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof^a Dr^a Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof. Me. Heriberto Silva Nunes Bezerra – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Profª Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
D286	<p>Debates geográficos da realidade brasileira [recurso eletrônico] / Organizador Gustavo Henrique Cepolini Ferreira. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia. ISBN 978-65-5706-017-9 DOI 10.22533/at.ed.179200405</p> <p>1. Geografia – Pesquisa – Brasil. I. Ferreira, Gustavo Henrique Cepolini.</p> <p style="text-align: right;">CDD 910.03</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

É com imensa satisfação que apresento a Coletânea “Debates Geográficos da Realidade Brasileira”, cuja diversidade teórica e metodológica está assegurada nos capítulos que a compõem. Trata-se de uma representação da ordem de vinte e um capítulos a partir de análises, ensaios, relatos e pesquisas de professores e pesquisadores oriundos de diferentes instituições.

Nesse sentido, ressalta-se a importância da pesquisa científica e os desafios hodiernos para o fomento público na área de Geografia, entre outras áreas afins para debater a função social da ciência geográfica, bem como das Ciências Humanas no cotidiano de um país marcado por inúmeras contradições e desigualdades sob a égide de práticas que violam a nossa jovem democracia.

A Coletânea está organizada a partir de alguns eixos temáticos, quais sejam: Ensino de Geografia, Geografia Agrária, Geografia Urbana e Econômica, Cartografia e Geoecologia, Geografia Cultural e Política e Geografia Regional. Tal diversidade revela a necessidade da Geografia para compreensão, e, sobremaneira, transformação da realidade brasileira e suas conexões com o mundo globalizado. Nesse devir, urge refletir e construir teorias que possam desvendar nosso futuro comum.

Assim, os capítulos 1, 2 e 3 versam sobre as possibilidades do Ensino de Geografia, enfatizando respectivamente a Cartografia Tátil, o Trabalho de campo e propostas inclusivas, bem como os desafios do estágio supervisionado na formação do professor de Geografia.

No segundo eixo sobre Geografia Agrária, os capítulos 4, 5 e 6 tratam dos desafios da construção de um Atlas da Questão Agrária Norte Mineira, a formação territorial da Campanha Gaúcha e a Indústria de beneficiamento de arroz no interior do estado de São Paulo.

O terceiro e maior eixo temático da Coletânea, versa os desafios urbanos e econômicos na contemporaneidade, cujas análises estão presentes nos capítulos 7 a 15 a partir dos seguintes subtemas: reestruturação produtiva no Recôncavo baiano, vulnerabilidade e renda familiar na região imediata de Ituiutaba - MG, consumo, comércio e novos empreendimentos em Timon – MA, gestão territorial urbana em Belo Horizonte – MG, subúrbios de Recife-PE, renovação urbana em Paulista-PE, planejamento urbano e participação popular em Teresina-PI, empresas de publicidade e rede urbana no Brasil e a produção territorial-urbana em Oiapoque-AP.

O Capítulo 16 apresenta uma importante e atual análise sobre a Cartografia do feminicídio em Belém-PA, cujos dados versam sobre o período de 2011 a 2018. Já os capítulos 17 e 18 apresentam as Unidades Ambientais em Santa Maria – RS a

partir de uma revisão da sustentabilidade ambiental e urbana e as estratégias para Educação Ambiental em área de risco na Zona Norte de Recife-PE.

Na sequência o capítulo 19 apresenta uma análise sobre o conflito Sírio em consonância com formação territorial e os desafios políticos e o sectarismo religioso. Enquanto o capítulo 20 apresenta um breve relato sobre o divino, o sagrado e o profano e a relação com os rituais africanos nos países do Mercosul. Por fim, no capítulo 21 discute-se o conceito o nordeste brasileiro a partir de um profícuo diálogo com as teorias de Gilberto Freyre.

Esperamos que as análises e contribuições publicadas nessa Coletânea propiciem uma leitura crítica e prazerosa, assim como despertem novos e frutíferos debates para compreensão da Geografia em sintonia com a sua função e responsabilidade socioambiental e territorial para construirmos alternativas para transformar a realidade a partir de uma Geografia socialmente engajada.

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ENSINO DE GEOGRAFIA PARA DEFICIENTES VISUAIS: CONFEÇÃO DE MAPAS TÁTEIS COM MATERIAIS ACESSÍVEIS E DE BAIXO CUSTO	
Laís Caroline Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.1792004051	
CAPÍTULO 2	15
CONSTRUÇÃO DOS CONHECIMENTOS GEOGRÁFICOS PERMEADO POR TEMÁTICAS INTERDISCIPLINARES E POR PRÁTICAS INCLUSIVAS DE TRABALHO DE CAMPO	
Maria Solange Melo de Sousa Juanice Pereira Santos Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1792004052	
CAPÍTULO 3	29
UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA	
Severino Alves Coutinho	
DOI 10.22533/at.ed.1792004053	
CAPÍTULO 4	37
A CONSTRUÇÃO DO ATLAS DA QUESTÃO AGRÁRIA NORTE MINEIRA E OS DESAFIOS E DISPUTAS TERRITORIAIS	
Gustavo Henrique Cepolini Ferreira Anderson Willians Bertholi Bruna França Oliveira Tayne Pereira da Cruz Walcricio Martins Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.1792004054	
CAPÍTULO 5	50
TERRITÓRIOS EM CONSTRUÇÃO NOS RINCÕES DO BRASIL MERIDIONAL: DA COLONIALIDADE E SUBALTERNIDADE, ÀS R-EXISTÊNCIAS NA FORMAÇÃO TERRITORIAL DA CAMPANHA GAÚCHA	
Anderson Luiz Machado dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.1792004055	
CAPÍTULO 6	61
“INDÚSTRIAS DE BENEFICIAMENTO DE ARROZ EM SANTA CRUZ DO RIO PARDO E SUAS RELAÇÕES ESPACIAIS”	
Reinaldo Luiz Selani	
DOI 10.22533/at.ed.1792004056	
CAPÍTULO 7	72
DINÂMICA TERRITORIAL E REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA NO RECÔNCAVO BAIANO	
Alessandra Oliveira Teles Wodis Kleber Oliveira Araujo	
DOI 10.22533/at.ed.1792004057	

CAPÍTULO 8 87

RENDA FAMILIAR NA REGIÃO IMEDIATA DE ITUIUTABA: INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS SOBRE A VULNERABILIDADE SOCIAL

Márcia de Souza Oliveira Paes Leme Alberto

Nélio Paulo Sartini Dutra Júnior

Léia Adriana da Silva Santiago

Lílian Gobbi Dutra Medeiros

DOI 10.22533/at.ed.1792004058

CAPÍTULO 9 108

SHOPPING CENTER NA AVENIDA PIAUÍ: CONSUMO, COMÉRCIO E NOVOS EMPREENDIMENTOS EM TIMON (MA)

Amanda Maria Pires De Brito

Antônio Cardoso Façanha

DOI 10.22533/at.ed.1792004059

CAPÍTULO 10 120

DEMOCRACIA ELETRÔNICA E GESTÃO TERRITORIAL URBANA EM BELO HORIZONTE-MG

Vandeir Robson da Silva Matias

Matusalém de Brito Duarte

DOI 10.22533/at.ed.17920040510

CAPÍTULO 11 137

DOS ENGENHOS, SÍTIOS E ARRABALDES AO SUDOESTE DO RECIFE CONTEMPORÂNEO

Gabriel Augusto Coêlho de Santana

Rodrigo Dutra-Gomes

DOI 10.22533/at.ed.17920040511

CAPÍTULO 12 152

O PROCESSO DE RENOVAÇÃO URBANA NA ÁREA CENTRAL DO MUNICÍPIO DE PAULISTA/PE

Everton Barbosa da Luz

Rodrigo Dutra-Gomes

DOI 10.22533/at.ed.17920040512

CAPÍTULO 13 168

NOTAS SOBRE O MODELO DE PLANEJAMENTO URBANO NA CIDADE DE TERESINA: ANÁLISE DA PARTICIPAÇÃO POPULAR

Gilson Barbosa de Sousa

Aline de Araújo Lima

DOI 10.22533/at.ed.17920040513

CAPÍTULO 14 179

ESTRATÉGIA E CORRELAÇÕES ENTRE AS EMPRESAS DE PUBLICIDADE E A REDE URBANA BRASILEIRA

Ronaldo Cerqueira Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.17920040514

CAPÍTULO 15	189
REALIDADES FRONTEIRIÇAS: REFLEXOS NA PRODUÇÃO TERRITORIAL- URBANA EM OIAPOQUE – AMAPÁ	
Edenilson Dutra de Moura	
DOI 10.22533/at.ed.17920040515	
CAPÍTULO 16	209
CARTOGRAFIA DO FEMINICÍDIO EM BELÉM-PA: UMA ANÁLISE DOS CASOS REGISTRADOS ENTRE 2011 A 2018	
Tatiane da Silva Rodrigues Tolosa Clarina de Cássia da Silva Cavalcante Roberto Magno Reis Netto Robson Patrick Brito do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.17920040516	
CAPÍTULO 17	219
UNIDADES AMBIENTAIS PARA SANTA MARIA/RS	
Priscila Terra Quesada José Manuel Mateo Rodriguez	
DOI 10.22533/at.ed.17920040517	
CAPÍTULO 18	230
PAISAGEM COMO ESTRATÉGIA PARA EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM ÁREA DE RISCO NA ZONA NORTE DE RECIFE – PE	
Silvana Paula Soares Rodrigo Dutra-Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.17920040518	
CAPÍTULO 19	245
O CONFLITO SÍRIO COMO RESULTADO DA FORMAÇÃO TERRITORIAL: PODER POLÍTICO E SECTARISMO RELIGIOSO	
Leonardo Johas Petrocelli	
DOI 10.22533/at.ed.17920040519	
CAPÍTULO 20	254
OS VÍNCULOS DO CORPO E DA MENTE: O DIVINO, O SAGRADO E O PROFANO E SUAS RELAÇÕES COM OS RITUAIS AFRICANOS EM PAÍSES DO MERCOSUL	
Ivete Maria Soares Ramirez Ramirez Maurício Ribeiro da Silva Cristina Vieira Barbosa, pedagoga Gabrielle Pellucio De Felice Lenci	
DOI 10.22533/at.ed.17920040520	
CAPÍTULO 21	258
A REGIÃO NO NORDESTE BRASILEIRO : DIALÓGOS COM GILBERTO FREYRE	
Marina Loureiro Medeiros Rodrigo Dutra Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.17920040521	
SOBRE O ORGANIZADOR	269
ÍNDICE REMISSIVO	270

O CONFLITO SÍRIO COMO RESULTADO DA FORMAÇÃO TERRITORIAL: PODER POLÍTICO E SECTARISMO RELIGIOSO

Data de aceite: 13/04/2020

Leonardo Johas Petrocelli

Acadêmico do programa de Mestrado em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

E-mail: leo.petrocelli14@gmail.com

RESUMO: A guerra na Síria teve sua deflagração nas manifestações que parte da população fez, pedindo, sobretudo, a saída do líder sírio Bashar Al-assad, de modo que o conflito veio a se tornar uma das piores tragédias humanitárias da atualidade. Produziu um fluxo de refugiados sírios por todo o globo terrestre, em uma verdadeira diáspora, além de inúmeras vidas dizimadas, com perdas materiais e imateriais, com a destruição de grandes obras arquitetônicas e cidades por inteiro, e todas as suas histórias. Esse artigo busca analisar como a formação territorial da Síria e o seu caráter sectário, com grupos religiosos que não são maioria no país, mas que, entretanto, passaram a deter o controle político administrativo do território, foram determinantes para o agravamento do conflito que se inicia em 2011, e que até hoje, em 2019, oito anos depois, ainda se encontra em andamento. Para tal, a análise será feita tomando como base os primórdios da criação

do território Sírio, quando ainda era parte do Império Otomano, passando por mandatário Francês, até o presente, conhecendo como as tensões sectárias religiosas foram criadas e são parte fundamental para o entendimento do conflito hoje em dia. Também se levará em conta, neste artigo, a mudança política que a Síria passou desde sua formação como país, da autonomia adquirida com a independência, seguida por uma série de golpes de estado, até se estabilizar com o Partido Baath e a ascensão de Hafez Al-Assad ao poder, sendo esse o pai do atual presidente, Bashar Al-Assad. Neste artigo também foi levantada a importância das manifestações chamadas pela grande mídia ocidental de “*primavera árabe*”, que eclodiram em países de regimes totalitários da região do Oriente Médio, e como essas manifestações, na Síria, não encontraram força suficiente para derrubar o governo, como ocorreu em outros países, gerando um conflito armado que perdura até os dias atuais. Outro fator a ser debatido neste artigo, e que diferencia o conflito sírio, é a participação de um novo ator, os jihadistas do grupo autointitulado Estado Islâmico da Síria e do Iraque, que entra como inimigo comum às duas vertentes que já se enfrentavam: os rebeldes, apoiados, sobretudo, pela Arábia Saudita, Israel e EUA; e os soldados do governo, apoiados pela Rússia, Irã e o Hezbollah Libanês. Como metodologia usada no artigo, foi visitada

uma ampla bibliografia sobre a temática da Síria, das manifestações que eclodiram na região, e sobre o grupo jihadista, além do acompanhamento de notícias sobre o conflito nas principais fontes jornalísticas.

PALAVRAS-CHAVE: Conflito Sírio; Formação territorial Síria; Sectarismo Religioso.

1 | INTRODUÇÃO

A guerra na Síria teve sua deflagração nas manifestações que parte da população fez, pedindo, sobretudo, a saída do líder sírio Bashar Al-Assad, de modo que o conflito veio a se tornar uma das piores tragédias humanitárias, produzindo um fluxo de refugiados sírios por todo o globo terrestre, uma verdadeira diáspora, além da perda de inúmeras vidas, e ainda perdas materiais e imateriais, como grandes obras arquitetônicas e cidades por inteiro, com todas as suas histórias.

Buscaremos analisar, de maneira crítica, como a guerra da Síria se iniciou, levando em conta os fatores geográficos e como, no início, era apenas uma forma de resistência por parte de grupos rebeldes aos exércitos do presidente Bashar Al-Assad e, com o tempo, como os agentes estrangeiros manipularam e ajudaram, direta e indiretamente, a ambas as partes, fomentando um conflito em uma escala global.

Para tal, a análise será feita com embasamento na formação territorial da Síria desde sua criação, quando ainda era parte do Império Otomano, passando por mandatário Francês, até a formação atual, entendendo como as tensões sectárias religiosas foram criadas, e são parte fundamental para o entendimento do conflito.

Também se levará em conta, neste artigo, a mudança política que a Síria passou desde seu início, do momento em que passa a usufruir de uma autonomia, com a independência, passando por uma série de golpes de estado, em seguida, até se estabilizar com o Partido Baath, e com Hafez Al-Assad no poder, sendo esse o pai do atual presidente, Bashar Al-Assad.

Neste artigo também é levantada a importância das manifestações chamadas pela grande mídia ocidental de “*primavera árabe*”, que eclodiram em países de regimes totalitários da região do Oriente Médio, e como essas manifestações, na Síria, não encontraram força suficiente para derrubar o governo, como em outros países, gerando um conflito armado que perdura até o presente.

Outro fator a ser debatido neste artigo e que diferencia o conflito Sírio é a atuação de uma nova entidade, os jihadistas do grupo autointitulado Estado Islâmico da Síria e do Iraque, que entra como inimigo comum às duas vertentes que já se enfrentavam: os rebeldes, apoiados, sobretudo, pela Arábia Saudita, Israel e EUA; e os soldados do governo, apoiados pela Rússia, Irã e o Hezbollah Libanês.

Como metodologia usada no artigo, foi visitada uma ampla bibliografia sobre

a temática da Síria, das manifestações que eclodiram na região, e sobre o grupo jihadista. Além do uso de reportagens de jornais de grandes redes internacionais e relatórios oficiais emitidos pelas Nações Unidas.

2 | DISCUSSÃO

O conflito armado Sírio já foi responsável por dizimar a vida de milhares de pessoas, e levar outras dezenas de milhares a buscar refúgio em regiões internas do país ou em nações estrangeiras. Cabe a este artigo analisar como a formação territorial do país e seu caráter sectário influenciou e agravou o conflito civil, iniciado em 2011.

Para nossa análise será feita uma regressão temporal até os tempos do Império Otomano, que tem sua fundação nos anos 1299, até o fim da Primeira Guerra Mundial.

Dentro da vasta área do Império se tinham várias religiões, sendo a administração de Istambul de maioria muçulmana, e, como tal, seguia o modelo tradicional das sociedades muçulmanas, de integração de membros de outras religiões reveladas.

Segundo Pinto, 2010, “os chamados *dhimmi* (membros de outras religiões reveladas) tinham liberdade de culto, o direito de serem julgados por tribunais que aplicavam o código legal de sua tradição religiosa e recebiam proteção militar do estado”.

Com isso, os Otomanos usaram os princípios da *dhimma* para criar o *sistema de millet*. Esse sistema transformava as comunidades religiosas em estruturas administrativas centralizadas em Istambul, as quais deviam pagar impostos para a manutenção da ordem pública, imposto esse que os muçulmanos eram isentos.

Embora sempre houvesse tensões sectárias entre as diversas comunidades religiosas do Império Otomano que, por vezes, resultavam em episódios de violência, a escala e a frequência dos conflitos aumentou de forma progressiva no decorrer do século XIX. Um dos fatores que levou a essa intensificação dos conflitos inter-religiosos foi a crescente penetração imperialista, no Império Otomano, das potências europeias (Inglaterra, França e Rússia), cuja interferência na dinâmica política e social do Império Otomano era feita através das minorias religiosas. Assim, a França declarou-se protetora dos católicos; a Rússia ofereceu proteção aos ortodoxos; e a Inglaterra se colocou como protetora dos druzos e dos judeus.

Com isso já é possível ver uma diferenciação entre os grupos muçulmanos e os de outras religiões, levando a tensões que, muitas vezes, acabavam em episódios de violência, o que era usado como pretexto para as potências europeias passarem a intervir diretamente no Império Otomano, alegando proteger seus cidadãos.

Aí já se pode ver como, antes mesmo da formação do território nacional sírio, as relações entre os grupos religiosos eram marcadas por episódios de violência e

sectarismo religioso.

Com o início da Primeira Guerra Mundial a administração Otomana declarou o alistamento obrigatório para todos os homens do Império, independente da religião. Essa medida fez com que a grande maioria das populações do Império ficasse contra a administração. Além disso, impuseram às províncias uma administração centralizada, que seria a forma da capital tentar evitar novos conflitos entre os vários grupos religiosos, impedindo, assim, novas intervenções dos países europeus.

Essa intervenção causou uma marginalização das elites dominantes das províncias, que já não se indentificavam mais com a administração turca, e passaram a compartilhar um pensamento de “*pan-arabismo*”, uma ideologia que recria os ideais de um governo que fosse autônomo da administração turca, de forma social, econômica, política e cultural.

Assim surgiram projetos de independência dos países em relação ao Império Otomano, visando à construção de novos estados-nações, entre eles a “Grande Síria”, a “Grande Arábia”, entre outros.

Durante a guerra o Império Otomano estabeleceu o alistamento obrigatório para todos os membros das províncias, independente de se fossem muçulmanos, cristãos ou judeus. Isso gerou um sentimento, nesses grupos, contra a guerra e contra a administração Otomana. Aproveitando esse sentimento, a França e a Inglaterra fizeram acordos com os representantes das províncias, incentivando que os mesmos se rebelassem contra a administração Otomana e, em troca, ao final da guerra, seriam apoiados na independência de suas regiões. Esses acordos secretos foram chamados de *Sykes-Picot*.

Quando a Primeira Guerra Mundial acabou, com o lado Otomano sendo derrotado, o Império foi desfeito e suas províncias, ao invés de ganharem a independência, como havia sido acordado com as potências européias, se transformaram em áreas de mandatário. O território que hoje representa o Líbano e a Síria ficou sob a responsabilidade da França, com o nome de “Grande Síria”.

Assim, entre 1920 e 1923, a França dividiu a “Grande Síria” em seis Estados, visando uma possibilidade de que estes viessem a se tornar repúblicas independentes, conforme a conveniência do Ocidente. Foram eles: o Estado de Aleppo; o Estado de Damasco; o Estado de Jabal Druze; o Estado Alauita; a Província de Alexandreta (Hatay); e o Grande Líbano.

Os limites territoriais da Síria sob o mandato francês possuíam um elemento étnico/religioso importante: duas províncias eram de maioria sunita, o Estado de Aleppo e o Estado de Damasco; uma de maioria drusa, o Estado de Jabal Druze; uma de maioria cristã, o Grande Líbano; um de maioria alauita, o Estado Alauita; e uma província autônoma de maioria turca, a Província de Alexandreta. (Cleveland, 2009).

A divisão política imposta pelos franceses forjou um território altamente fragmentado do ponto de vista étnico-religioso, o que, historicamente, levou a diversos movimentos separatistas no país, havendo vários processos de emancipação, até a

consolidação final do território sírio em 1946, quando o país se tornou independente da França.

Durante a consolidação do território sírio perdurou a manutenção do poder concentrado na mão de uma minoria religiosa, os alauitas, que eram o grupo responsável pelo intermédio entre os franceses e os sírios, e que, por isso, recebiam privilégios, os quais foram mantidos. Entre estes podemos citar a ocupação dos altos postos das forças armadas, e cargos no poder legislativo, entre outros cargos de prestígio.

Após a independência o país viveu uma grande instabilidade política, com sucessivos golpes e troca de governos. Somente em 1971, após um golpe militar comandado pela cúpula do Partido Socialista Nacionalista do país, o partido Baath, se atingiu alguma estabilidade política.

Foi sob o comando de Hafez Al-Assad que a Síria alcançou trinta anos de estabilidade interna, fenômeno não visto anteriormente. O equilíbrio forçado que Hafez logrou na Síria dependeu de suas manobras entre os diversos interesses sociais e etno-confessionais, utilizando meios diplomáticos, expurgos de inimigos políticos e força coercitiva a qualquer manifestação contra a sua personalidade ou governo. Foi criado um governo que não aceitava manifestações contra, e que manteve na elite do país uma minoria alauita, que continuava a mandar sobre uma maioria sunita.

Na conjuntura internacional e regional, apesar dos acontecimentos que definiram a ordem mundial, o bloco soviético foi aliado do governo de Hafez por cerca de vinte anos. Mesmo com o fim da URSS, a parceria se manteve até os dias atuais, e o governo russo é ainda um dos maiores parceiros, em âmbito político, da Síria.

A partir de 1990 iniciou-se a liberalização e flexibilização do regime sírio, que foi aprofundada nos anos 2000, sob o governo de Bashar Al-Assad, devido a pressões internas (Irmandade Islâmica e opositores dentro do próprio Baath) e a pressões externas (EUA e União Europeia) (HINNEBUSCH, 2009). Para isso, o presidente sírio teve a habilidade de manter a concentração de poder, por meio da rede de fidelidade criada em torno de sua figura presidencial, o que propiciou as bases para a estabilidade do regime Assad até 2010. Essa rede de confiança foi formada com a manutenção dos principais cargos nas forças armadas e em outros cargos administrativos por alauitas.

Com a morte de Hafez no ano de 2000, seu filho Bashar Al-Assad assume o governo sírio, acarretando mudanças. Nessa ocasião a estrutura do regime e o processo de tomada de decisão apresentaram alguma flexibilização, porém limitada. No campo religioso abriu mão do tradicionalismo islâmico, na tentativa de modernizar o país. Esse conjunto de ações gerou desagrado por parte dos muçulmanos tradicionais, que viam tais atos como impuros. Essas alas tradicionais, mais tarde, iriam compor parte significativa dos manifestantes e grupos rebeldes no conflito sírio.

Na parte econômica o novo presidente apresentou reformas neoliberais, situação que agradou muito a elite muçulmana, sobretudo da cidade de Aleppo, detentora do maior poderio econômico do país. Essa liberalização era a continuação da abertura que já havia começado a ser colocada em prática nos anos 1990, e foi crucial para atingir a consolidação de seu regime. Ele ganhou legitimidade na visão das elites sírias, que apostaram nele e começaram a trazer seus capitais de volta; outros capitalistas locais também já tinham estruturado todos os seus negócios dentro do país.

Assim, o país seguiu com certa estabilidade política e econômica, mesmo com a manutenção do caráter sectário, até o início de 2010, quando eclodem na região do Oriente Médio revoltas populares contra os líderes ditatoriais desses países.

Na Síria as manifestações começam em 2011, na cidade de Deraa, localizada no Sudoeste do país. Essas manifestações começaram de forma pacífica e sem grande repercussão nacional, mas, devido à ansiedade e nervosismo do regime em tentar sufocar quaisquer protestos que viessem a ocorrer, fez com que houvesse uma repressão violenta do exército, levando à morte de vários jovens. Essas mortes geraram uma grande comoção na população, com repercussão nacional, elevando os protestos ao âmbito nacional, e, claro, com isso, a repressão violenta também passou a ser em âmbito nacional.

A cidade de Deraa era uma cidade de recrutamento do exército nacional e, por isso, a grande maioria dos seus habitantes era formada por militares de baixa e média patente. Assim, quando eles se rebelaram, houve uma deserção em massa das forças militares, e o conflito passou, em poucos dias, de pacífico para armado, e se criou a primeira frente rebelde do conflito armado, o grupo então chamado de Exército Livre da Síria.

Esse movimento de deserção do exército e a pouca confiança que o alto escalão alauita tinha em seus soldados de maioria sunita fez com que o presidente mantivesse seus soldados dentro dos quartéis, não os enviando para lutar na guerra civil, de maneira que essa estratégia permitiu um avanço dos grupos rebeldes, que lutavam por diferentes causas e diferentes visões de Síria, além de ter aberto caminho para que jihadistas, sobretudo os que estavam no Iraque, passassem a atuar na Síria, como, por exemplo, o chamado Estado Islâmico.

Isso pode explicar, em parte, porque o conflito sírio teve um alto número de mortos, mesmo para uma guerra, e um número maior ainda de refugiados, criando uma verdadeira diáspora ao redor do globo.

O presidente Bashar Al-Assad somente foi reconquistar o território do país quando os soldados do Hezbollah do Líbano passaram a atuar no conflito. A partir de então ele pode ir reconquistando as cidades, e as libertando dos grupos rebeldes e jihadistas.

Hoje o conflito encontra-se no fim, com o governo já tendo recuperado quase todo seu território, e expulsado totalmente os jihadistas do Estado Islâmico.

Cabe, agora, refletir em como esse conflito fortaleceu o governo e seus aliados, e, ao mesmo tempo, enfraqueceu os grupos majoritários do país, como os sunitas, que compõem a grande massa de refugiados que se viram obrigados a abandonar seu país.

3 | METODOLOGIA

Para a elaboração deste artigo científico foi necessária uma revisão na bibliografia existente sobre a temática que aborda a história do território sírio, com uma regressão temporal desde os tempos do Império Otomano, passando pelo mandatário Francês, até a independência e o conflito atual. Além da revisão bibliográfica levantada, também foi realizada uma pesquisa pelas agências de notícias, que reportavam os avanços e recuos dos combates. Entre essas agências podemos citar, como exemplo, a rede Aljazeera, BBC, EL PAIS, entre outras redes de notícias globais.

Também como recurso metodológico para a realização desta pesquisa foi consultado, por diversas vezes, o Observatório Sírio de Direitos Humanos, que é uma organização não governamental que busca denunciar as violações aos direitos humanos, e que não foram poucas, sobretudo por parte do exército nacional.

4 | RESULTADOS

Como resultado desta pesquisa, podemos ver que a formação territorial, que privilegiou determinado grupo religioso em relação aos demais grupos na Síria, foi um fator determinante para o desenrolar do conflito. Começou com a insatisfação popular de um pequeno grupo, com sua exclusão da esfera política administrativa, até a intensificação dos protestos, com a adesão de diversas classes religiosas marginalizadas.

Também encontramos na formação territorial e sectária a razão pela qual o próprio presidente Bashar Al-Assad não confiou plenamente em seus soldados e, por isso, preferiu mantê-los presos nos quartéis ao invés de na frente de combate, e como isso influenciou diretamente na perda de território para os grupos rebeldes e os jihadistas, que só foram propriamente combatidos com a inserção do exército do Hezbollah no conflito.

Essa falta de confiança nas Forças Armadas também leva a outro fator. O uso de milícias, grupos para-militares contratados para lutar a guerra no lugar do exército, que, após a vitória e retirada dos rebeldes, passam a controlar a área e atuar como uma forma de poder, que legisla em prol do Estado de maneira violenta, de tal forma que o poder acaba descentralizado, com a população a mercê das milícias, e as milícias a mercê do poder estatal.

5 | CONCLUSÕES

Uma das conclusões a que se chega ao fim desta pesquisa é que a formação territorial síria, um dos parâmetros fundamentais para a eclosão do conflito armado e a consequente emigração em grande número dos habitantes daquele país, teve sua idealização desde a época em que era parte do Império Otomano, que, ao se fragmentar, teve seu território distribuído de maneira a privilegiar as facções religiosas de cada região. Isso criou um distoamento entre as regiões e, conseqüentemente, entre as religiões, com os alauitas se destacando como o grupo de intermédio entre os franceses e os locais. Esse sectarismo se mostrou presente no conflito, como já foi dito acima, e no agravamento do mesmo, com grupos que são maioria no país (sunitas, por exemplo) saindo do conflito ainda mais em desvantagem, sejam elas políticas, econômicas ou territoriais.

Com o fim do conflito se aproximando - o governo já recuperou cerca de 90% do território sírio – presume-se que deve haver um fortalecimento dos alauitas, que saem como os grandes vencedores, e uma grande derrota para os sunitas. Estes, além de serem majoritários na grande maioria dos grupos rebeldes, também são a maioria do grande número de refugiados que deixaram o país. Essa divisão reforça ainda mais o caráter sectário da Síria, que tende a entrar em uma profunda crise política com a atuação das milícias em diversas regiões, e um governo que desrespeita os direitos humanos, e que ganha mais força política ao sair como vitorioso do conflito, bem como com o respaldo internacional que os aliados conferem ao regime.

Concluindo, a formação territorial sectária religiosa teve um papel fundamental para o conflito, e será novamente determinante para o que virá após o fim dele, com grupos fortalecidos e outros mais enfraquecidos, e novos atores ganhando mais cenário na mídia mundial, como é o caso dos curdos no norte do país.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AKCELRUD, Isaac. O Oriente Médio. São Paulo: Atual, 1986.

ALI, Tarik. Confrontos de fundamentalismos. Cruzadas, Jihads e modernidade. Rio de Janeiro: Record, 2002.

AZEVEDO, Carlos do Amaral. Dicionário Histórico de Religiões. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. Formação do império americano: da guerra da Espanha à guerra no Iraque. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

_____. A segunda guerra fria. Geopolítica e dimensão estratégica dos EUA. Das rebeliões na Eurásia à África do Norte e ao Oriente Médio. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

- BRAUDEL, Fernand. Gramática das Civilizações. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- CLEVELAND, William L.; BUNTON, Martin. A History of the Modern Middle East. Philadelphia: West View Press, 2009.
- CHALIAND, Gerard e RAGEAU J.P. Atlas strategique. Paris: Fayard, 1983.
- _____. The Penguin atlas of diásporas. New York: Penguin Books, 1995.
- DEMANT, Peter. O mundo muçulmano. São Paulo: Contexto, 2004.
- HINNERBUSCH, Raymond. Modern Syrian Politics. Manchester: Manchester University, Press, 2008
- KUNG, Hans. Islão: presente, passado e futuro. Lisboa: Edições 70, 2010.
- LACOSTE, Yves. A geopolítica do Mediterrâneo. Lisboa: Edições 70, 2006.
- _____. Geopolítica. La larga historia del presente. Madrid: Editorial Síntesis. 2008.
- LEMARCHAND, Phillipe (Org). Atlas Géopolitique du Moyen-Orient et du Monde Arabe: le croissant des crises. Paris: Editions complexe, 1994.
- LEWIS, David. O Islã e a formação da Europa ___de 570 s 1215. São Paulo: Editora Monole, 2010
- MAGNOLI, Demétrio (Org.). História das Guerras. São Paulo: Contexto, 1996.
- _____. (Org.). História da Paz. São Paulo: Contexto, 2008.
- NAPOLEONI, Loretta. A Fenix islâmica. O estado islâmico e a reconfiguração do Oriente Médio. Rio de Janeiro: Bertran, 2014.
- PACE, Enzo. Sociologia do Islã. Fenômenos religiosos e lógicas sociais. Petrópolis: Vozes, 2005.
- PINTO, Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto. Islã: religião e Civilização. Uma abordagem antropológica. São Paulo: Editora Santuaário, 2010.
- _____. Árabes no Rio de Janeiro. Uma identidade plural. Rio de Janeiro: Instituto Cultural Cidade Viva, 2010.
- SMITH, Dan. O Atlas do Oriente Médio: conflitos e soluções. São Paulo: Publifolha, 2008.
- YERGIN, Daniel. A busca. Energia, segurança e reconstrução do mundo moderno. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ação pedagógica 15, 17, 18

Amapá 189, 190, 191, 197, 198, 201, 203, 204, 207, 208

Arroz 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70

Atlas 37, 38, 39, 48, 49, 86, 127, 134, 136, 183, 187, 218, 253, 269

B

Beneficiamento 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70

C

Campanha gaúcha 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58

Cartografia tátil 1, 2, 3, 4, 13, 14

Cidadania 15, 17, 19, 24, 25, 26, 27, 123, 127, 129, 131, 136, 193, 215, 236

Cidades-gêmeas 189, 191, 192, 193, 200, 201, 202, 207

Comércio 57, 79, 81, 83, 85, 108, 109, 111, 114, 116, 163

Conhecimentos geográficos 15, 17, 18, 26, 27, 243

D

Democracia 120, 121, 122, 123, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135

Diversidade 15, 17, 19, 25, 26, 27, 33, 39, 40, 50, 52, 55, 60, 94, 101, 200, 243, 260, 268

Docente 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 87, 108, 168

E

Empresas de publicidade 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185

Engenhos 75, 77, 78, 137, 140, 141, 142, 143, 145, 146, 147, 150, 151

Ensino de geografia 1, 13, 16, 29, 35, 36, 243, 269

Estágio supervisionado 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36

F

Feminicídio 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218

Fronteira franco-brasileira 189, 199, 201, 206

G

Gênero 54, 94, 174, 209, 210, 212, 213, 217, 218

Geografia agrária 37, 269

Gestão empresarial 179

Gestão urbana 120, 121, 122, 127, 131, 160, 168, 169, 171, 177

I

Influência 72, 74, 78, 108, 109, 110, 114, 115, 116, 117, 164, 180, 185, 197, 200, 262, 263, 265

Interior 55, 56, 57, 61, 62, 74, 77, 121, 132, 140, 194, 265

M

Mapas táteis 1, 3, 4, 12

Materiais 1, 3, 4, 5, 6, 9, 12, 39, 53, 58, 73, 152, 153, 155, 156, 158, 162, 190, 195, 231, 245, 246

Mocambos 137, 138, 145, 146, 148, 149, 150, 151

Mulher 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218

N

Norte de Minas 37, 38, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49

O

Oiapoque 189, 190, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 208

P

Participação 17, 19, 21, 25, 33, 42, 65, 72, 74, 110, 120, 121, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 156, 158, 168, 169, 170, 172, 173, 174, 175, 184, 220, 228, 231, 236, 242, 245, 269

Planejamento 38, 64, 85, 116, 117, 119, 120, 128, 129, 133, 136, 138, 157, 160, 161, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 188, 202, 219, 220, 221, 224, 228, 229, 234

Plano plurianual 2018–2021 168

Política 53, 57, 59, 63, 67, 69, 95, 96, 107, 110, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 168, 170, 171, 176, 178, 181, 187, 193, 194, 201, 214, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 259

População 24, 44, 53, 55, 59, 63, 64, 77, 78, 79, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 88, 90, 92, 93, 95, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 109, 111, 113, 115, 116, 123, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 142, 146, 148, 161, 164, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 178, 183, 187, 191, 193, 197, 198, 200, 213, 221, 231, 233, 236, 238, 241, 242, 245, 246, 250, 251, 265

Produção 1, 4, 12, 27, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 61, 62, 63, 66, 67, 68, 69, 70, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 84, 85, 86, 89, 113, 118, 119, 128, 131, 135, 140, 142, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 171, 178, 181, 182, 189, 190, 194, 196, 201, 206, 217, 236, 243, 264

Produção do espaço 27, 85, 89, 118, 128, 152, 153, 155, 157, 158, 160, 162, 163, 164, 165,

166, 178, 189, 201, 206, 217, 243

R

Recife 36, 49, 85, 117, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 157, 165, 166, 183, 230, 231, 232, 236, 237, 238, 240, 243, 244, 258, 259, 261, 263, 264, 267, 268

Rede urbana 86, 109, 110, 117, 118, 179, 180, 181, 182, 183, 185, 186, 187, 188, 207

Região imediata de Ituiutaba 87, 88, 90, 96, 98, 99, 102, 103, 104, 105, 106

Renda familiar 82, 87, 88, 89, 90, 92, 95, 96, 97, 104, 105

Renovação urbana 152, 154, 155, 160, 163, 171

R-existência 50, 51, 52, 55, 56

Rincões 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58

RPA-05 137, 138, 140, 151

S

São Paulo 6, 7, 9, 11, 12, 13, 28, 35, 36, 49, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 65, 66, 68, 70, 71, 85, 86, 107, 117, 118, 119, 127, 134, 135, 136, 138, 141, 142, 151, 154, 166, 167, 178, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 207, 208, 217, 243, 244, 252, 253, 267, 268, 269

Shopping center 108, 109, 112, 113, 114, 115, 116, 117

Subalternidade 50, 51, 55, 57, 215

Sustentabilidade 15, 17, 19, 25, 27, 168, 170, 177, 219, 220, 224, 229, 235, 243

T

Território 3, 26, 37, 38, 39, 46, 48, 49, 51, 53, 57, 58, 59, 61, 63, 64, 67, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 85, 86, 110, 123, 127, 131, 135, 137, 140, 145, 154, 164, 167, 171, 183, 186, 187, 189, 190, 191, 193, 194, 195, 196, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 206, 207, 208, 217, 226, 229, 239, 245, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 254, 269

Território-fronteiriço 189

Timon 108, 109, 110, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 118, 119

V

Valorização das raridades urbanas 152

Violência 40, 54, 209, 210, 211, 212, 213, 215, 216, 217, 218, 247

Vulnerabilidade social 87, 88, 89, 90, 92, 93, 95, 96, 98, 104, 105, 106

 **Atena**
Editora

2 0 2 0